

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal da Tarde*

Class.: 660

Data: 04.06.83

Pg.: _____

Sem conseguir apresentar nenhum argumento em sua defesa, o delegado da Funai no Rio Grande do Sul, Severino de Toni, teve de ouvir no final da tarde de ontem, sob um vento frio que faz lembrar o minuano dos pampas, que o órgão era o responsável pelas mortes dos cinco caingangues que acabavam de ser enterrados no posto indígena de São João do Irapuá, interior de Miraguai, a mais de 500 quilômetros de Porto Alegre, e também pelos 13 feridos, um deles em estado grave.

— E as famílias que tiveram mortos? Vocês é que têm de dar conta do que aconteceu. Não sou eu quem vai dar conta, disse, irritado e áspero, o cacique Ivo Ribeiro, em torno do qual cresceu toda a crise e resultou no confronto de anteontem, mas que ainda não acabou: "Os parentes dos que morreram não vão parar", alertou Ivo no contato que teve com De Toni, a quem ainda lembrou que a Funai foi avisada em tempo, mas, apesar disso, não tomou nenhuma providência.

A omissão do órgão, aliás, é confirmada por seus próprios funcionários, os chefes dos postos de Itapuá e da Guarita, de onde foi separada a primeira reserva. Domingo passado, Rui Cotrim Guimarães e Lídio Della Betta enviaram telegrama a De Toni alertando-o de que era iminente um conflito e, ou a Funai tomava providências rapidamente ou eles colocavam seus cargos à disposição. Pressentindo que isso não seria suficiente, o filho do cacique do outro posto, Nêri Ribeiro, também telefonou no domingo para o delegado, advertindo-o da proximidade do conflito, possivelmente para segunda ou terça-feira. Na quinta à tarde, voltou a telefonar-lhe, ironizando: "Não foi segunda nem terça, seu Severino, mas na quinta, e agora temos cinco mortos".

Em toda a região, não se desconhecia que alguma coisa estava por acontecer. Em Tenente Portela, a oito quilômetros do local onde houve o confronto, as crianças que frequentam escolas públicas começaram a dizer a seus pais que os colegas índios não apareciam nas aulas há mais de 15 dias, porque estavam "tirando guarda".

O começo

A situação complicou-se no domingo, quando um grupo de cinco índios, liderados pelo "major" Laurindo Emílio, procurou o cacique da reserva da Guarita, Domingos Ribeiro — parente distante de Ivo — para exigir informações sobre as razões do confisco de algu-

A guerra dos caingangues

A Funai foi avisada diversas vezes mas não tomou qualquer providência para impedir o conflito, que já provocou cinco mortos.



Depois da briga, a polícia guarda a reserva.



Apesar do drama, o sorriso das crianças para o fotógrafo.

mas vacas e outros animais pertencentes a caingangues que haviam migrado para a área sob o controle de Ivo. Protestavam também pela demarcação determinada por Domingos para separar as duas áreas ao longo da linha traçada no papel pela Funai, que em 28 de janeiro último levou os caciques Ivo e Domingos a concordarem com a divisão em duas da antiga reserva da Guarita, de 26 mil hectares. Ivo acusa Domingos de ter anexado parte de sua área. Houve uma discussão e cada uma das partes diz que foi agredida. Mas foi em Irapuá que o incidente deixou os índios em "pé de guerra". E assim, juntaram-se todos os ingredientes da revolta: a invasão de terras que teria ocorrido durante a demarcação arbitrária e o desrespeito para com as "autoridades" da nova reserva. Na última quarta-feira, à noite, os caingangues ligados a Ivo solicitaram autorização a seu chefe para invadir a área de Domingos, fazer prisões e, se preciso, matar. Ivo não concordou, mas também não os proibiu de agir. Na quinta-feira cedo, o fato consumou-

se. Em nota distribuída ontem, o coronel da Polícia Indígena, Lourenço Bento, explicou a decisão: "Não foi o cacique, nem o chefe do posto, nem a liderança que tomaram essa decisão, sendo atitudes tomadas pela própria comunidade".

E mais uma vez o confronto poderia ter sido evitado. O destacamento da Brigada Militar em Miraguai havia sido alertado que o conflito estava por estourar e que o seu anúncio seria alguma movimentação de índios, maior que a normal, entre uma área e outra. Para passarem de Irapuá a Guarita, os caingangues teriam que, necessariamente, atravessar o centro da cidade. Mas passaram e não foram vistos. Um dos líderes da Guarita, Francisco Ribeiro, é que viu, ao retornar de Tenente Portela, próximo dali, o que estava acontecendo. Enquanto sua reserva pôde ser avisada com antecedência, preparando-se para o confronto, outro grupo foi até Portela comunicar o outro destacamento da Brigada. O comandante, sargento Noêmio, informou às 10h30 que tinha

ido dormir tarde e que ainda dormiria algum tempo para arrumar-se. Quando finalmente pôde ir, próximo das 12 horas, o grupo de Ivo já tinha atacado e carregado seus mortos e feridos, enquanto Domingos teve apenas dois feridos.

O que houve

Reunindo-se as versões dos dois lados, nenhum dos quais admitindo ter começado a disparar, presume-se que houve o seguinte: quando os cerca de 300 homens de Ivo entraram na área do grupo de Domingos, que era defendido por cerca de 50 homens, houve uma tentativa de diálogo, mas sem resultados. Armando Ribeiro, sobrinho de Domingos, é apontado como tendo dado o primeiro tiro, embora na Guarita diga-se que somente os agressores estavam armados com revólveres e espingardas. Sabe-se, no entanto, que o grupo de Domingos era o mais armado — e por isso ficou com menos baixas — apesar da maior parte dos mortos apresentarem inúmeros golpes de facões e porretadas. O médico legista retirou apenas uma bala dos corpos.

Na luta envolveram-se de crianças de 12 anos até velhos com mais de 90, mandados na frente do esquadrão de Ivo, mas poupados pelos defensores da Guarita. Morreram no local, durante o confronto, ou com os golpes de misericórdia, Ramon Bento, de 62 anos; Sebastião Carvalho, de 60; Sérgio Bento, 62 e José Leopoldino, de 28. No início da madrugada de ontem, morreu Vicente Fougere, de 63 anos, num hospital de Santo Ângelo. E pode morrer a qualquer momento seu irmão Ernest, ainda mais velho.

A disputa entre os dois grupos começou em 82 e tem atrás de si uma luta pelo domínio do poder e áreas agricultáveis, que são arrendadas por 15 mil cruzeiros o hectare a fazendeiros da região, além da madeira retirada ilegalmente e vendida em toda a região. Na antiga reserva de Guarita existem cerca de 800 famílias, com um total de 2.600 a 2.700 pessoas. As terras são suficientes para todos, mas apenas um pequeno grupo tinha o domínio. Assim, Sebastião Alfaiate, o antigo cacique, controlava mais de mil hectares, quando muitas famí-

lias possuíam áreas mínimas. Ivo Ribeiro, com o argumento de que era preciso mudar o quadro de coisas, convenceu e intimidou os conselheiros da tribo a derrubarem Alfaiate e a aprovarem seu nome para sucedê-lo. Conseguiu, mas logo criou opositores no próprio conselho. O grupo descontente cresceu e começou a rebelar-se, apontando para dirigi-lo um outro cacique, Domingos. A Funai, então, resolveu dividir a Guarita em duas, sem o consenso das duas partes porque Ivo não concordava. Nas duas áreas as terras continuam sendo arrendadas para os brancos, a madeira retirada e a Funai não toma providências.

Na frente do delegado Severino De Toni e do comandante do 7º Batalhão da Brigada, em Três Passos, tenente-coronel PM Carlos Henrique Bressan, o cacique Ivo confessou ontem que também tem uma arma, mas acrescentou que já propôs um desarmamento geral, denunciando que nenhum dos dois tomou providências. E deu o nome do fornecedor de armas aos índios: Armando Tirrono, que se beneficia com os arrendamentos.

O coronel, no entanto, não pode fazer nada, de momento, para desarmar os índios, porque isto seria uma responsabilidade da Polícia Federal ou do Exército. A Polícia Federal formalizou ontem um pedido de apoio ao trabalho três de seus agentes farão na região, para instruir o inquérito policial que terá a intenção de descobrir os culpados e esclarecer o incidente, até ontem ainda muito confuso. Mas isso, segundo Bressan, não é suficiente. Qualquer ação somente poderia ser realizada com a presença do presidente do inquérito, o que somente será possível a partir de segunda-feira, porque os policiais federais deixaram a reserva às 17 horas de ontem, prometendo voltar apenas na segunda. Também o delegado De Toni não anunciou nenhuma providência, pois antes quer esperar os resultados do inquérito. No domingo, escreverá seu relatório para enviar a Brasília, onde a situação de dificuldades e tensão na Guarita já não é desconhecida. De lá, partem constantes negativas para inúmeros pedidos feitos, o que obriga os próprios chefes dos postos a pagarem com seus salários despesas com médicos, medicamentos e até compra de gasolina para seus veículos, que substituem os únicos dois que a Funai mantém na área, mas nega-se a consertar.

Chico Oliveira, da sucursal de Porto Alegre